

LUGARES, GENTE E AMORES NAS *CRÔNICAS DE MANAUS* DE JOSÉ ALDEMIR DE OLIVEIRA

Manoela da Silva Rodrigues (UFAM)¹

Esteban Reyes Celedón (UFAM)²

RESUMO: Sabido é que o gênero literário Crônica, como conhecido na atualidade, surgiu em Paris na virada do século XVIII para XIX. Não demorou muito em chegar aos jornais do novo mundo e cativar os leitores das novas capitais, incluindo o Rio de Janeiro. No Brasil, adaptou-se tão bem ao gosto nacional que muitos o consideravam um gênero criado aqui no Brasil. No século XX, a crônica brasileira se expandiu por outras cidades, e em seguida, ultrapassou as fronteiras do jornal e foi para o rádio, a televisão e o livro. Manaus também acolheu a crônica nos seus jornais. José Aldemir de Oliveira, professor de geografia e cronista urbano, é um dos grandes representantes da crônica do Amazonas. Nesta oportunidade, analisaremos seu primeiro livro literário, *Crônicas de Manaus* (Valer, 2011). Nele, a realidade da capital é exposta com um olhar crítico e apaixonado; relata de forma apreciativa as boas coisas que nela se destacam. José Aldemir é um autor que se preocupa com sua cidade e sabe identificar suas fragilidades e belezas, expondo ao leitor uma narrativa singular, apresentando uma urbe com suas particularidades não tão distintas das outras capitais brasileiras, porém digna de ser admirada, despertando o prazer pela leitura. José Aldemir de Oliveira mantém, já há alguns anos, uma publicação quinzenal de suas crônicas em jornais da região. Seus textos nos levam a conhecer nossa Manaus desde um ponto de vista privilegiado, focalizando-se nos lugares, gente e amores (que são as três partes em que se divide seu livro).

PALAVRAS CHAVE: Crônicas Urbanas; Crônicas de Manaus; José Aldemir de Oliveira.

RESUMEN: Sabido es que el género literario Crónica, como es conocido en la actualidad, surgió en París a fines del siglo XVIII. No tardó mucho en llegar a los diarios del nuevo mundo y cautivar a los lectores de las nuevas capitales, como Río de Janeiro. En Brasil, se adaptó bien al gusto nacional, muchos lo consideraban un género Brasil. Durante el siglo XX, la crónica brasileña se expandió por otras ciudades, y luego sobrepasó las fronteras del periódico y fue para la radio, la televisión y el libro. Manaus también acogió la crónica en sus periódicos. José Aldemir de Oliveira, profesor de geografía y cronista urbano, es uno de los grandes representantes de la crónica del Amazonas. En esta oportunidad, analizaremos su primer libro literario, *Crónicas de Manaus* (Valer, 2011). En él, la realidad de la capital se expone con una mirada crítica y apasionada; relata de forma apreciable las buenas cosas que en ella se destacan. José Aldemir se preocupa por su ciudad y sabe identificar sus fragilidades y bellezas, exponiendo al lector una narrativa singular, presentando una urbe con sus particularidades no tan distintas de las otras capitales brasileñas, pero digna de ser admirada. José Aldemir mantiene, desde hace algunos años, una publicación quincenal de sus crónicas en diarios de la

¹ Graduada em Letras Espanhol pela UFAM. Membro do Grupo de pesquisa *A crônica brasileira: dilemas, paradoxos e soluções de um gênero moderno*. Este trabalho é uma versão revista e aumentada do trabalho de iniciação científica, PIBIC-UFAM 085-2016, realizado com apoio do CNPq (bolsa de iniciação científica).

² Doutor em Letras Neolatinas pela UFRJ. Professor do curso de Letras – Língua e Literatura Espanhola e do Programa de Pós-graduação em Letras na UFAM. Líder do Grupo de pesquisa *A crônica brasileira: dilemas, paradoxos e soluções de um gênero moderno*. Atualmente é Pós-doutorando em Estudos da Tradução no PGET-UFSC, onde também faz parte do Grupo de pesquisa *Núcleo Quevedo Estudos Literários e Traduções do Século de Ouro*.

región. Sus textos nos llevan a conocer Manaus desde un punto de vista privilegiado, enfocándose en los lugares, gente y amores (que son las tres partes en que se divide su libro).

PALABRAS CLAVE: Crônicas Urbanas; Crônicas de Manaus; José Aldemir de Oliveira.

INTRODUÇÃO

José Aldemir de Oliveira, natural do Alto Careiro, que hoje é o município Manacapuru, veio para Manaus estudar; formou-se em geografia; e, desde 1976, tem se dedicado ao magistério. Ingressou na Universidade Federal do Amazonas em 1985, primeiro como professor colaborador; três anos mais tarde, entrou para o quadro efetivo da instituição; atualmente é professor do curso de geografia na UFAM. Também é escritor de crônicas, regularmente publicadas em jornais impressos na cidade de Manaus. No ano de 2011, após várias publicações científicas, lançou seu livro, *Crônicas de Manaus*.

Trata-se de um volume de quarenta e seis textos selecionados de suas obras de crônicas, dividido em três temas: Lugares, Gente, Amores. A maioria destas crônicas foi inicialmente publicada em jornais de Manaus; elas dão conta de temas como a cidade e seus personagens, a realidade, a memória e o seu olhar de geógrafo para com as mudanças do espaço de Manaus. Expondo, como geógrafo e cidadão dessa urbe, sua visão diante da metrópole da Amazônia. Suas crônicas nos levam a conhecer uma Manaus bem diferente da dos cartões-postais; traz uma visão da cidade nua e crua, porém, com uma descrição poética. A cidade da riqueza e da pobreza, das palafitas e dos condomínios de luxo, das separações e das mazelas, mas também a urbe da esperança, a cidade de tantas contradições que continua sendo uma, sem deixar de ser múltipla.

Somo levados à introspecção, a perceber uma Manaus diferente da propaganda política, econômica e turística; a Manaus dos manauaras. Os “Lugares” tornam-se ocupações para uma reflexão sobre a cidade; sua “Gente” passa a ser o protagonista dos acontecimentos; e os “Amores” são os gestos que cada um tem para com o meio em que vive, sobrevive, existe e insiste. Tatiana Schor (professora e cronista, como nosso autor), responsável pelo texto da Orelha do livro de José Aldemir (2011), fala do livro e do autor e colega de profissão:

É uma das vozes da cidade que se perplexifica com as transformações e permanências, é uma voz embargada de emoção que esconde o seu olhar meticuloso e acadêmico, que disfarça o seu tato ribeirinho e prolonga os cheiros e sons que desaparecem[...] Incorpora Manaus na alma de seus leitores. (2011, Orelha do livro)

Para o escritor, cronista e crítico literário, Tenório Telles (2011, Orelha do livro) diz:

Este livro não é só um passeio pelo dia a dia de Manaus – é também um testemunho do cronista sobre as “esperanças, alegrias, amores e gestos solidários armazenados na memória coletiva...” e que dão “sentido à vida, tornando os caminhos curtos e os desencantos breves... que abrem a porta para o infinito”. Nessa magia de tecer realidade e linguagem reside um dos segredos da arte de tecer as palavras – de tecer a existência. Desafio que José Aldemir enfrenta com êxito.

Lugares, Gente e Amores crônicas de uma Manaus, que evolui e se transforma, não só no espaço físico e geográfico, como bem coloca José Aldemir, mas também muda o agir de sua gente, que em meio à selva de pedras, cresce de forma desordenada e quase sempre desamparada pelo poder público. Manaus ainda não sabe conviver com a modernidade. A cidade tenta adaptar-se com a velocidade de seu progresso, culminando com as contradições e lutas sociais.

Neste trabalho, analisamos algumas das crônicas de José Aldemir de Oliveira, publicadas no seu livro *Crônicas de Manaus*. Estas crônicas contribuem para a reflexão e introspecção como forma de rever nosso olhar para a cidade em seus aspectos sociais, culturais, momentos e situações de nosso cotidiano que, diante da correria do dia a dia, passam de forma tão despercebida, mas que não escapam ao olhar atento do cronista. Tomamos como base, as principais seções em que o livro se divide: Lugares; Gente; e, Amores.

José Aldemir de Oliveira

O professor José Aldemir de Oliveira (UFAM) trilhou, ao longo de sua vida, uma trajetória desafiadora. Este cidadão da floresta, com sua simplicidade, revolucionou sua história de vida. Hoje, é um profissional respeitável, como pesquisador, professor e escritor. Fez pós-graduação em Geografia na Universidade de São Paulo (USP), onde iniciou o mestrado em meados de 90. Em apenas um ano, migrou direto para doutorado, retornando à UFAM quatro anos depois com a tese doutoral defendida, *Cidades na Selva: Urbanização das Amazonas*.

Construiu sua carreira tendo a Amazônia como base, na perspectiva de contribuir para o desenvolvimento desse espaço urbano. A capital amazonense, sempre está presente como objeto de estudos do professor de geografia, em particular, em suas crônicas. Segundo o próprio autor, *Crônicas de Manaus*, trata de:

Mazelas, desesperanças, repetitividade enfadonha, falta de perspectiva, miséria do dia a dia nas ruas, nos viadutos, debaixo das pontes, enfim, nos lugares que mais facilmente se identificam como excluídos, é disso que este livro trata. Mas também trata de esperanças, alegrias, amores e gestos solidários e emoções que atingem os extremos da fragilidade à força,

exprimem a fraternidade dando sentido à vida, tornando os caminhos curtos e os desencantos breves, pois são ações que abrem a porta para o infinito. (OLIVEIRA, 2011, p.12)

José Aldemir usa o gênero crônica para mostrar-nos, de uma maneira aparentemente mais descontraída do que o texto científico, a cidade de Manaus, com seus lugares, gente e amores.

O livro *Crônicas de Manaus*

A obra de José Aldemir de Oliveira traz 46 textos em 114 páginas, dividido em três temas: Lugares; Gente; Amores. Uma coletânea de algumas de suas crônicas escritas ao longo de anos nos jornais da cidade de Manaus. Lançado em 2011, a obra retrata a cidade de Manaus com seus lugares, sua gente e seus amores.

José Aldemir descreve com precisão os espaços da cidade, expressa, de maneira singular, questões diárias e rotineiras; coloca sua inquietação para com o espaço urbano, demonstrando suas preocupações com a urbe; contempla com nostalgia a Manaus que se modifica, de maneira brutal, sem o devido controle nem planejamento do poder público.

Sabemos que cada cronista tem sua técnica de escrita: alguns se utilizam mais da crítica, outros inventam, e há os mais poéticos. José Aldemir, em participação como palestrante em uma aula sobre crônicas no programa de pós-graduação de letras da UFAM (08 de junho de 2016), diz que não se considera escritor, e que suas crônicas são reflexões do que a população, em sua maioria, gostaria de falar, como ele próprio afirma em um de seus textos *Crônicas de uma cidade*: “quero ser apenas uma voz na cidade entre muitas que aqui se fazem ouvir.” (OLIVEIRA, 2011, p.11). Contudo, o fato de ele não se considerar escritor, não significa que não o seja, que não domine a técnica de escrever boas crônicas.

José Aldemir não só escreve crônicas, também insere nelas seu olhar privilegiado de geógrafo. O autor observa com detalhes: o espaço urbano da Manaus antiga e da atual, com o seu crescimento desordenado; as mazelas; seus contrastes; suas belas praças, muitas esquecidas pelo poder público; os prédios que modificam o espaço e a beleza da floresta; bem como, os descasos com sua gente. Tudo isto faz de suas crônicas um diferencial: são autênticas crônicas urbanas, da melhor qualidade.

A CRÔNICA

A palavra crônica chega ao português vinda do Latim *Chronus*, e esta, do grego *khronos*, que deu origem a *Chronikós*, “relacionado ao tempo” (cronológico, ou sequencial, o tempo que pode ser medido, está associado ao movimento linear das coisas terrenas, com começo e término. Da palavra latina *Chronus* surge *Chronica* que definia um determinado tipo de gênero literário que fazia o registro de acontecimentos históricos. Na atualidade, segundo o dicionário *HOUAISS*, crônica é a “compilação de fatos históricos apresentados segundo a ordem de sucessão no tempo”. Sendo assim, o papel da crônica é de relatar fatos.

Se não levar ao pé da letra, que é esta definição, a crônica vai muito além de contar algo; envolve a princípio a imprensa (jornal e revistas), hoje outros meios de comunicação como a internet, a televisão e o rádio, e de forma mais “permanente” o livro. Porém, além da crônica, além do livro, temos o autor, o escritor cronista com seu olhar crítico, sensível e autêntico. Também temos o leitor, que lê e interpreta para si a crônica, de acordo como o autor a apresenta ou de forma também crítica e autêntica, ponderando os fatos. Por fim, seguindo a Jesus Maestro, temos o intérprete ou *transductor*, que interpreta para os outros as crônicas.

A crônica está entrelaçada aos meios de comunicação nacional, justamente pelo poder da imprensa. No Brasil, este gênero tomou caracteres próprios, geralmente sugestivo e reflexivo; isto a diferenciou de outros países, cuja finalidade era apenas de informar.

Sem dúvida, José de Alencar e Machado de Assis são os mais destacados cronistas do século XIX, com crônicas como “Máquinas de coser” e “O velho Senado”, respectivamente, só para citar um exemplo de cada. Depois, no passado século, o Brasil, e principalmente o Rio de Janeiro, vê a afirmação da crônica como gênero literário bem brasileiro. João do Rio (autor de *A alma Encantadora das Ruas*, 1908); e Rubem Braga, único grande escritor brasileiro que só escreveu crônicas (em 1936 publica, *O conde e o passarinho*). Cada cronista com suas características peculiares, sua maneira quase única de conversar e cativar o leitor. Falavam das ruas, das transformações da Cidade Maravilhosa, da chegada do bonde, e de outros tantos assuntos urbanos.

Já as crônicas de José Aldemir levam o leitor a uma Manaus de contradições, e nos deixam mais pensativos com as questões do dia a dia em relação à cidade. Sendo isto característica do autor e geógrafo, ter essa visão mais crítica do espaço em que vive, em *Crônicas de uma cidade*, que é a primeira crônica do livro *Crônicas de Manaus*, o autor afirma:

Manaus, como de resto outras cidades, tem, de um lado, as ocupações, as moradias insalubres debaixo das pontes, nos igarapés e nas favelas, e do outro,

os condomínios de luxo. A cidade separa e expulsa, mas também junta numa contradição fragmentária e articulada que resulta em lutas diversas para o exercício da cidadania e do lúdico, de acordo com os interesses de diferentes sujeitos. (OLIVEIRA, 2011, p.12).

Percebe-se então, despontando nas suas palavras, o seu olhar como geógrafo e cidadão desta cidade, expondo de maneira crítica os contrastes das grandes metrópoles.

Para Joaquim Ferreira dos Santos, a crônica é a fusão dos gêneros:

Misturar as artes do espírito sensível com os fatos da atualidade, mesmo que seja aquela realidade passando embaixo apenas de sua janela. Bate-se no liquidificador das referências pessoais, e serve-se ao leitor tentando ampliar o sentido daquela banalidade. (2007, p. 22).

Nota-se então que a crônica toma a dimensão de acordo com o que o escritor quer que tome, basta que se tenha sensibilidade com a realidade. De acordo com Lopez (1992, p. 166-167), “A crônica, a partir da própria etimologia da palavra, guarda a ideia de tempo em seu seio. Porém, de tempo filtrado pelo modo de ver, de sentir, do cronista de jornal” (*apud* SUZUKI, 2011, p.94).

Diríamos que José Aldemir coloca em suas crônicas a sensibilidade de ver os encantos e desencantos de uma cidade construída por lugares, gente e amores. Crônicas inventadas ou até vividas, mas com o toque especial, falando do aspecto físico e social da cidade de Manaus. Em *O nascimento da crônica* de Machado de Assis, logo no primeiro parágrafo, o autor afirma que, existe um meio certo de se iniciar uma crônica:

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a crônica. (ASSIS, 2007, p.27).

Concordamos com Machado, a crônica inicia e pode-se caracterizar como um texto trivial, partindo do óbvio e do simples. Apesar de estar contida no jornal, ela não está para ser notícia ou informar; ela tem o seu espaço para que o autor tenha a liberdade da palavra, da linguagem acessível, e com a potência estética de um gênero literário tipicamente urbano.

Segundo Afrânio Coutinho, no livro *A Literatura no Brasil*, capítulo 57 – Ensaio e Crônica, a crônica pode ter diferentes tipos, em que estabelece as seguintes categorias:

1. A *crônica narrativa*, cujo eixo é uma estória ou episódio, o que a aproxima do conto, sobretudo entre os contemporâneos quando o conto se dissolveu perdendo as tradicionais características do começo, meio e fim.
2. A *Crônica metafísica*, constituída de reflexões de cunho mais ou menos filosóficos ou meditações sobre os acontecimentos ou sobre os homens.
3. A *crônica poema-em-prosa*, de conteúdo lírico, extravasamento do artista ante ao espetáculo da vida, das paisagens ou episódios para ele carregados de significado.
4. A *crônica comentário* dos acontecimentos, que tem, no dizer de Eugênio Gomes, “o aspecto de um bazar asiático”, acumulando muita coisa diferente ou díspar. Muitas crônicas de Machado e Alencar pertencem a esse tipo.
5. A *crônica-informação*, mais próxima do sentido etimológico, é a que divulga fatos, tecendo sobre eles comentários ligeiros. Aproxima-se do tipo anterior, porém é menos pessoal.

Apesar dessa tentativa de classificar os vários tipos de crônicas, o que podemos perceber, após muitas leituras de crônicas urbanas, é que o bom cronista não adota apenas um tipo, ele sabe circular por diversos tipos dessas classificações de crônicas, de maneira flexível, não pendendo somente a um tipo, conseguindo assim, fundir várias características, pondo uma pitada de cada tipo, tornando suas crônicas mais atrativas.

Crônicas Manauaras

Na cidade de Manaus a crônica também alcançou as pessoas pelas ondas sonoras da Rádio Difusora no ano de 1948, seu fundador, Josué Cláudio de Souza (Itajaí, 1910 – Manaus, 1992) que – segundo informações do jornal D24AM, 2010 – lia a sua crônica do dia, pontualmente ao meio-dia, horário das badaladas do sino da igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, sempre de segunda a sábado, e assim a população manauara, na expectativa, paravam para ouvir a “a Crônica do Dia”.

Hoje, além das crônicas manauaras estarem presentes, de forma tradicional, nas rádios, jornais e internet, podemos tê-las, de maneira mais duradoura ou permanentemente, em livros. Como é o caso das crônicas do escritor José Aldemir. Após anos escrevendo, crônicas para jornais, teve a oportunidade de selecionar e reescrever algumas de suas crônicas, para que assim fossem publicadas em livro. Hoje sendo até objeto de estudo em trabalhos acadêmicos.

ANÁLISE DE CRÔNICAS DE MANAUS

O livro *Crônicas de Manaus* nos leva a um passeio por uma Manaus de contrastes. Foram analisadas algumas crônicas de cada capítulo: Lugares; Gente; Amores. Lugares está composto por vinte e um textos, Gente por vinte e dois textos e Amores por apenas três textos. A seguir, desenvolveremos a apresentação na mesma ordem do subtítulo do livro, que também é coerente com a ordenação das crônicas dentro do livro objeto.

Lugares

Nesta primeira parte o autor nos mostra a cidade de Manaus, com suas particularidades. Alguns textos são compreendidos somente por manauaras, como é o caso da crônica *Mapa de Manaus*, página 15, nela o autor fala dos bairros, porém ele incorpora os nomes dos bairros no texto de forma de que, quem não conhece Manaus, não percebe que está se referindo a eles. Como neste pequeno parágrafo: “Que saudades da praça, da alvorada do dia no bairro, de colher flores na chapada e de cultivar o lírio no vale.” Nele temos os nomes de quatro bairros de Manaus: Alvorada, Flores, Chapada e Lírio do Vale. Neste outro parágrafo: “Quero liberdade para subir o morro, contemplar a colina do Aleixo, do planalto ver os campos dos elísios, colher buriti na vila e trepar na árvore de aquariquara.”. Aqui outros seis nomes de bairros: Morro da Liberdade, Colina do Aleixo, Planalto, Campos Elísios, Vila Buriti e Acariquara. Assim, o autor monta um mapa da cidade com os nomes de seus bairros de maneira lúdica e estética.

Na crônica *A natureza na e da cidade*, página 19, o autor fala da diferença que existe da natureza da zona urbana (Manaus) da zona rural, com suas paisagens, ruídos e clima. E para isso, tem um personagem que, em um dia de chuva, olha da janela, que observa, medita e compara os movimentos da cidade com os do interior. Para isso faz o uso constante da comparação. Como nestes trechos, com grifos nossos:

“Sentimos o asfalto ou as pedras das calçadas roçando os pés **como** as terras úmidas ou a areia quente.”

“...o barulho ensurdecido das buzinas, **como** se fosse o canto dos pássaros.”

“...o barulho dos pneus em contato com a água e o asfalto **parecem** com o barulho do curso da água nas corredeiras ou a queda-d’água das cachoeiras.”

“...carros que passam sem que possamos identificar a cor e a marca, **parecendo** os bichos da floresta ou os peixes dos rios que desaparecem com a mesma velocidade que surgiram.”

“...gente que passa correndo num vai e vem frenético **parecendo** a algazarra de um bando de pipiras ao alvorecer.”

No segundo parágrafo além da comparação, se utiliza da anáfora, para assim reforçar o que o homem observa de sua janela:

“**Vê** os telhados de barracos ao seu redor, ao léu, **como** folhas de bananeiras sacudidas pelo vento.”

“**Vê** o reflexo da luz nos sacos de lixo [...] identifica **como** as gotículas de água suspensas sobre os campos.”

“**Vê** um homem [...] a tatear as pedras da calçada e sendo engolido **como** tudo que se move abaixo de sua janela, ou pela próxima esquina ou pela escuridão das ruas.”

“**Vê** os moradores de rua [...] buscando abrigo numa marquise, **tal qual** os animais da floresta buscando uma nova toca.”

“...vendo árvores espremidas entre as calçadas e asfalto **como** se o conjunto delas formasse uma floresta, identificando cada flor plantada ou nascida **como** se fosse um salto nas águas barrentas ou negras dos rios.”

Na crônica *Memória de sabores*, página 23, o autor relembra os sabores e cheiros, como do café torrado em casa, do melado de cana que tem gosto de infância, do azedo do bacuri que chega a adormecer os dentes, e de tantos outros sabores que somente quem vive ou viveu no interior pode descrevê-los de forma tão expressiva. Para isso o autor utiliza-se da sinestesia, para ressaltar os sabores e cheiros, que segundo ele são sabores que o tempo não apaga da memória e que o melado de cana ajuda a ativar, e conclui que o tempo, tal qual os sabores, não para. Faz-nos lembrar da obra *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust.

O mesmo ocorre na crônica *Memórias de Bálamo*, página 25, o autor relembra dos cheiros da cidade dos anos sessenta. Cheiros de peixe fresco, de miúdo de boi, de frutas vindas do Mercado Grande. Cheiro úmido de estiva da Rua Barão de São Domingo. Cheiro da borracha trazida pelos ventos da Ilha de Monte Cristo. O aroma de xarope de guaraná da fábrica Luseia e Andrade. O cheiro de biscoito da fábrica Paraguara e a cheiro da fragrância do pecado (sexo) na Itamaracá. E o cheiro mais marcante, o do pau-rosa de uma usina situada na Boca do Emboca. O autor diz que não é possível lembrar das casas e dos prédios históricos com exatidão, mas o perfume desses lugares é impossível esquecer, pois estes são bálsamos para o espírito.

Gente

Nesta segunda parte o autor fala de gente, mas especificamente, dos habitantes de Manaus, que são pessoas anônimas, mas que em suas crônicas são colocadas como

protagonistas, com histórias de vida que são dignas de serem registradas em forma de crônica. Essa é uma das características da crônica, falar de pessoas, e não de personagens, para isso faz-se presente o uso de recursos literários que vão desde os recursos fonéticos; semânticos; morfológicos e sintáticos. Esses recursos, quando bem empregados, comovem o leitor, como se ele próprio estivesse vendo-se ali. Bem como os lugares em que sucedem os fatos, quando descritos de maneira intensa e verossímil.

Assim o autor consegue nos prender a leitura, nos transportando ao cenário dos acontecimentos. Como no caso da crônica *A rosa menina*, página 61, em que narra a sua indignação pelo trabalho infantil, as condições em que a menina de corpo franzino caminha pela noite, entre as mesas de bares vendendo flores. Essa crônica, bem semelhante com a crônica de Olavo Bilac (Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 1865 – Rio de Janeiro, 28 de dezembro de 1918) *Prostituição Infantil* – escrita no jornal Gazeta de Notícias 14 de julho de 1894 – em que a personagem também está exposta nas ruas vendendo flores.

Na crônica de José Aldemir assim como na de Bilac, o autor relata o absurdo de ver crianças terem que trabalhar para conseguir míseros trocados para ter que ajudar a sua pobre família. Situações cotidianas, imagem vista por quem sai à noite e pouco se importa com esse tipo de situação. Bilac se questiona: é possível que alguém, encolhendo os ombros diante disto, me pergunte, o que é que eu tenho com a vida das crianças que vendem flores e são amassadas a sopapos quando não levam para casa uma certa e determinada quantia. José Aldemir, em consonância com Bilac, questiona a sociedade: Por que a sociedade não lhe assegura, como os bichos da natureza aos seus filhotes, a proteção enquanto cresce? Por que a sociedade não cuida do presente de suas crianças? Bilac finaliza dando sua opinião de maneira dramática e mostrando a indiferença: [...] talvez a sorte melhor que se possa desejar hoje em dia a uma criança pobre — seja uma boa morte, uma dessas generosas mortes providenciais, que valem mais que todas as esmolas, todas as bênçãos, todos os augúrios felizes e... toda a comiserção dos cronistas. (BILAC, 1894). Aldemir já possui uma opinião mais esperançosa para essas crianças jogadas a sorte. Porém a indiferença, por parte da sociedade perante a exploração infantil, continua: Seus sonhos talvez se realizem, mas como as flores que carrega, têm muitos espinhos. [...] a beleza e a fragilidade da rosa e da menina possibilitam espanto onde nada há do que se espantar. (OLIVEIRA, 2011, p.62).

O interessante dessas duas crônicas é sua problemática social – a exploração infantil – é contemporâneo, apesar de ter se passado quase um século da crônica de Bilac *Prostituição infantil*, ou seja, a crônica, melhor dizendo, a temática social da crônica, é pertinente dentro do cenário literário.

Na crônica *Margarida*, página 75, o autor tem como “protagonista” uma gari. O gari, este profissional que está presente na cidade, e que muitos de nós, não o notamos. Mas basta um dia sem que a cidade seja limpa, logo percebemos a sua falta. O nome *Margarida*, é colocado pelo autor para homenagear uma gari, da qual ele se refere nessa crônica, uma senhora mais velha que ele e que certo dia responde ao seu “bom dia” com um sorriso e logo comenta com a companheira de trabalho que alguém tenha-lhe notado por detrás da roupa laranja. Assim, temos a figura da metáfora, pelo título da crônica, jamais o leitor poderia imaginar que o autor falaria de uma gari.

Na crônica *Desprezível preconceito*, página 90, o autor se refere ao preconceito regional. Faz críticas e diz que toda forma de preconceito devem ser repelidas, principalmente os que nasceram na a Amazônia, pois as semelhanças e diferenças dos povos dessa região não merecem ser motivo de piada, isso é coisa de quem não tem o fazer. Fala do direito de mobilidade, que não se pode diferenciar as pessoas por ter nascido em determinado lugar. Daí o autor chama a atenção para o preconceito do amazonense para com o paraense “Se alguém dividir os amazônidas entre bons e ruins e disser que os últimos nasceram no Pará, vai ter que subtrair milhares de pessoas de bem, trabalhadoras e honestas que nasceram naquele Estado.” (OLIVEIRA, 2011, p.90). Portanto é necessário mais união para assim lutar para o intercâmbio entre as pessoas, já que os amazônidas têm muito mais coisas a unir do que os separar e partilham dos mesmos problemas, como a poluição dos rios e queima da floresta. Porém cabe fazer a troca de culturas. Por fim, saúda a todos que de algum lugar do Brasil agora vivem na Amazônia e em especial ao povo paraense. Faz referências dessa cultura, como o ritmo do carimbó, cita escritores e poetas, fala da comida típica e da cerveja lá produzida.

Já na crônica *Mais uma invasão*, página 92, o autor utiliza a palavra *invasão* para enfatizar sua mensagem. Nela coloca seu personagem, sujeito pobre, desde seu nascimento até a vida adulta, relata o seu “progresso” na vida e de como e, a todo instante, sua vida é tomada, melhor dizendo, invadida. Como nos trechos: “Foi invadido por doenças.”; “foi invadido por leis”; “Mais uma invasão”; “Outra invasão”; “foi invadido por uma série de exigências”; “Não tinha como fazer frente a essa invasão”; “Mais invasão”; “Mais uma invasão”; “E haja invasão”; “Pela milésima vez ele é invadido”; “Só mais uma invasão. (OLIVEIRA, 2011, p.92). Ao final da crônica, esse personagem torna-se um invasor de terras urbanas. Nesta crônica podemos perceber o olhar do cronista e geógrafo ao expor um grave problema das grandes metrópoles, as invasões.

Amores

Este último capítulo do livro é composto por apenas três crônicas: *Carta(grafia) de amor*, *Minha menina* e *O amor que se vai mas não acaba*.

Em *Carta(grafia) de amor*, página 107, nos deparamos com uma crônica da qual o autor anuncia seu amor. Inicialmente o leitor pode achar que é uma carta de amor, dedicado a uma mulher. Porém, de forma implícita, o autor declara-se à cidade de Manaus “feliz cidade sofrida”. Constantemente se refere à cidade por: “ela”, “dela” e “nela”. Ressalta seu desejo de viver na cidade, porém critica suas mazelas, como a falta de praças e a insegurança das ruas. O autor também exalta as suas raízes, e que, apesar de tudo, se faz necessário festejar. E que não importa o calor, tem copa, festas juninas e boi-bumbá.

Em *Minha menina*, página 109, o autor declara o amor pela filha. Deixa claro o amor paterno tomar conta de cada linha. Expondo o transcorrer da vida, comparando-a com as rosas. Essa flor tão frágil, que necessita ser retirada da roseira para que assim possa viver mais. E assim ganhar o verdadeiro sentido de sua representação de amor e paixão.

Em *O amor que se vai mas não acaba*, página 111, notamos o emprego de anáfora, repetido em cada início dos nove parágrafos que compõe essa crônica, a frase: *O amor que se vai mas não acaba*. Assim, enfatiza e reforça sua mensagem. Fala de ausência, lembrança, dor, esperança, saudade. Ao final da crônica, o autor diz que se não fosse por ele – *O amor que se vai mas não se acaba* – não escreveria esta crônica, e que melhor seria não escrevê-la, pois dói muito.

CONCLUSÃO

A crônica sempre será a perpetuação de acontecimentos sociais, narrada pelo autor de maneira crítica, criada ou inventada a partir de um fato e ornamentada por recursos literários e estéticos. Dependendo do autor, pode vir com uma linguagem direta, coloquial e poética. Desta forma, podemos afirmar que a crônica é um gênero de leitura breve e de fácil compreensão (para o bom leitor).

Ainda que presente no dia a dia, impressa em jornais, este trabalho mostra que a crônica, ganhou destaque por meio de livro. Dos quais o leitor pode desfrutar de sua leitura a qualquer momento.

José Aldemir de Oliveira é um cronista que vem se destacando na literatura amazonense. Homem simples, e que transpõe essa sua simplicidade, de maneira evidente, em suas crônicas. Porém a simplicidade da crônica não deixa de ser um árduo trabalho para quem a escreve. Pois a crônica deve ser apresentada com seriedade e respeito, qualidade presente também na vida de quem as escreve.

O estudo da obra *Crônicas de Manaus* deixa-nos evidente o carinho que José Aldemir tem ao falar de Lugares; Gente; Amores. Apresenta um trabalho de qualidade e transparente da cidade de Manaus, com seus encantos e desencantos. O leitor, mesmo que não seja manauara, consegue conhecer a cidade de Manaus através das breves crônicas de José Aldemir.

Assim, entende-se que a obra *Crônicas de Manaus* é um convite para conhecer a cidade que intitula o livro. Com seu olhar de cronista, geógrafo e professor, nada deixa passar despercebido, carregando seu texto de boas informações de lugares, gente e amores deste espaço urbano, deixando transparecer, assim como um bom cidadão, que se preocupa de maneira geral com seu habitat, deixa claro sua indignação, queixas e manifestações, para com quem tem o poder de governar a cidade e fazer dela um Lugar melhor, com Gente consciente e muito Amor por sua cidade.

REFERÊNCIAS

ARREDONDO, Alessio. **El Género De La Crónica Urbana Y La Ruptura Con La Tradición Literaria Occidental**. Disponível em:

<<https://es.scribd.com/document/290902156/El-Genero-de-La-Cronica-Urbana-Y-La-Rupt>>. Acesso em: 13 de mar. 2017.

ASSIS, Machado de. “O nascimento da crônica” in **As Cem Melhores Crônicas Brasileiras**. Organização e introdução de Joaquim Ferreira dos Santos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

BENDER, Flora; LAURITO, Ilka. **Crônica: história, teoria e prática**. São Paulo: Scipione, 1993.

BILAC, Olavo. **Prostituição Infantil**. Gazeta de Notícias, 14 de agosto de 1894. Disponível em: <<http://www.consciencia.org/prostituicao-infantil-cronica-de-olavo-bilac>>. Acesso em: 23 de mar. 2017.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade: estudo de história e teoria literária**. São Paulo: Nacional, 1985.

CELEDON, Esteban Reyes. “Crônicas manauaras: para além dos afetos jornalísticos”. Trabalho apresentado na UFAM, GEPELIP, 3-5 de jun. 2014.

COUTINHO, Afrânio. **Ensaio e crônica**. In: A Literatura no Brasil (Org. de Afrânio Coutinho). 3a ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1986. p.117-143, v.6.

COUTINHO, Afrânio dos Santos. **A Literatura no Brasil**. 7ª Ed. rev. E atual. São Paulo: Global, 2014.

D24AM. **Manaus lembra o radialista Josué Cláudio de Souza**. 20.nov.2010. Disponível em: <<http://www.d24am.com/amazonia/historia/manaus-lembra-o-radialista-josue-claudio-de-souza/11400>>. Acesso em: 15 de Out. 2016.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário da Língua Portuguesa** (versão online). Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm>>. Acesso em 10 jan.2017.

MAESTRO, Jesus G., “Intérprete o Transductor”. In **Glosario**. Disponível em: <<http://jesus-g-maestro.blogspot.com.br/2014/10/interprete-o-transductor.html>>. Acesso em: 07 de dez. 2017.

NERY, Alfredina. **Crônica: Gênero entre jornalismo e literatura**. In Página 3. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/cronica-genero-entre-jornalismo-e-literatura.htm>> Acesso em: 12 de maio 2017.

OLIVEIRA, José Aldemir de. **Crônicas de Manaus**. Manaus: Editora Valer, 2011.

OLIVEIRA, José Aldemir de. **Anotações de aula**. (Manuscrito inédito). Participação na aula de Crônicas no PPGL-UFAM. Manaus-AM. 08 de junho de 2016.

REBELO, G.; FREIRE, A.P. “A FAPEAM é um patrimônio nosso” José Aldemir de Oliveira: um cidadão amazônico. (Entrevista com José Aldemir). **Acta Amazonica**. Manaus, vol.35 n^o.3 Jul/Set. 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0044-59672005000300002>>. Acesso em: 16 de Dez. 2016.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **As cem melhores crônicas brasileiras**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

SUZUKI, Júlio César. Geograficidade Artigos. **Espaço na crônica de Mário de Andrade: uma análise de O Turista aprendiz**. Disponível em: <http://www.uff.br/posarq/images/stories/Revista/Inverno_de_2011/Artigos/Espao_cronica_Mario_de_Andrade__Geograficidades_v1n1_Setembro2011.pdf>. Acesso em: 17 de jan. 2017.